

**Texto de Alexandre Herculano Intitulado – A Emigração para o Brasil
(12.1.1838)**

A lei publicada no *correio oficial* do Rio de Janeiro, e transcrita no *Diário do Governo* de 6 do corrente, dá matéria a sérias reflexões; e a nenhum país estas dizem respeito tanto como a Portugal. É aquela lei uma revelação importante, um manifesto feito aos habitantes da Europa, e a história do que tem sido a colonização brasileira. Não só os artigos dela, que tendem a proteger os colonos assalariados, nos dizem que até agora eram grandes os vexames que a estes se faziam; mas também os que se dirigem a constringer os locadores ou assalariados, a que cumpram à risca seus contratos, nos mostram que muitos desses colonos mereciam a sorte que lhes cabia, por seu procedimento imoral. É claro que esta lei supõe a existência de espantosos abusos, por isso mesmo que prevê muitas circunstâncias, e que ocorre a muitos casos; casos bem notórios já na Europa, e contra os quais repetidas vezes têm clamado largamente os jornais. Uma lei tal vem confirmar o que se tem dito a este respeito; porque, geralmente falando, as nações, como os indivíduos, só curam de aplicar remédios quando as enfermidades vão já fazendo notáveis progressos.

O Brasil, se compararmos a sua superfície de 2 250 000 milhas quadradas com a sua população de menos de quatro milhões de almas, podemos dizer que é um país despovoadíssimo. Sentem portanto os brasileiros a necessidade de colonizar os seus desertos para poderem prosperar. Este sentimento criou essas associações colonizadoras que trabalham por atrair da Europa braços industriosos que com a verdadeira riqueza, o trabalho, elevem o Brasil ao grau de prosperidade que ele parece destinado a gozar. É o intuito destas associações patriótico e de louvar; mas este louvor é só relativo ao bem que procuram ao seu país, e ainda assim só quanto à essência da coisa, porém não quanto à forma. Com o prospecto de grandes vantagens, os agentes dessas sociedades deslumbram muitos mancebos da Europa, para irem buscar na América o mesmo que na sua terra natal alcançariam sem cruzarem o oceano, isto é, o pão com o suor do seu rosto. Pintam-lhes esses agentes o Brasil como o Eldorado, onde para achar ouro não há mais do que tocar naquelas praias abençoadas. Falam-lhes dos desmesurados salários que lá ganham os artistas, os caixeiros, os agricultores, mas não lhes dizem que a moeda, em que esses salários são pagos, tem muito pouco valor, ou por outra, que os géneros com ela comprados são de excessiva carestia. Este modo de proceder não é leal, nem generoso, e, ainda dizemos mais, não é útil ao Brasil. O homem devasso, descurioso, inábil, à vista de tão belas esperanças, não hesita em passar os mares para ir enriquecer-se sem ser obrigado a ter morigeração, alinho, ou habilidade. É assim que o Brasil por cada indivíduo útil, que recebe no seu seio, acolhe dois ou três danosos, ou pelo menos inúteis. Em que país da Europa o homem laborioso, o artista perfeito e inteligente deixará de ganhar o sustento? Qual quererá peregrino ir vaguear por terras longínquas, salvo quando um contrato, uma certeza qualquer, lhe assegure que um dos maiores sacrifícios, o de partir os laços que o ligam ao lugar do seu berço, terá condigna recompensa? – Em nenhum país da Europa isto acontece, por mais miserável que seja a sua situação. E quais são os contratos, qual é a certeza que levam de um próspero futuro os centenas de indivíduos, que anualmente demandam os portos do império brasileiro? – Nenhuma. E crêem as associações de colonização que homens que se atiram, assim à ventura, às praias do seu país, o vão enriquecer com braços verdadeiramente úteis? – A experiência lhes tem ensinado que não: a razão lho devia ter antes mostrado. De tão perigoso erro nasceram as violências da parte dos brasileiros, a falta de fé dos colonos, crimes que a lei pretende precaver, e que nos parece não alcançará inteiramente, porque o vício não está só na forma; está também na essência das coisas.

Estamos persuadidos que se os contratos com que os colonos se fizessem na Europa; se estes não demandassem o Brasil, fiados unicamente na possibilidade de os fazer; se os agentes fossem severos na escolha dos indivíduos, então esta lei fora o complemento de uma grande obra, tendente a engrandecer o Brasil. As leis são nada, ou muito pouco, onde falta a moralidade. Apesar do castigo os colonos devassos e preguiçosos continuarão a sê-lo: haverá culpados em abundância, os tribunais terão mais que julga, mas as coisas não irão muito melhor; pode o temor do castigo conter alguém, mas a maioria o desprezará. É justamente da classe que na Europa despreza mais as leis, que se tira grande porção de colonos para o Brasil; e não cremos que a passagem da linha mude a índole destes desgraçados.

Não pretendemos dizer que as companhias devam buscar só oficiais e artistas excelentes para os atraírem ao Brasil: já dissemos que dificilmente estes tais se resolverão a expatriar-se. Mas isso não os desobriga de exigirem daqueles, que quisessem passar à América, bons costumes, e aptidão para algum género de trabalho.

As solidões do Brasil carecem de agricultura; e na agricultura, a inteligência de um homem basta para mover os braços de muitos outros. Com crescimento da população, com a fundação de granjearias e de povoações, os artistas ainda medíocres e imperfeitos se poderiam empregar utilmente.

O império brasileiro está na infância, e na infância não se pode tocar logo o alvo da perfeição.

Nestas, e em semelhantes razões nos fundamos para dizer que errado vai o sistema colonizador do Brasil. As reflexões que fizemos, foram destinadas a provar, que não era o que poderia chamar egoísmo nacional quem nos obrigara a tratar a matéria. Olhámos a questão pelo lado do interesse alheio: seja-nos agora lícito encará-la pelo lado do interesse da nossa pátria.

Nós não recorreremos ao argumento sofisticado de generalizar um ou outro caso particular, em que algum brasileiro, indigno deste nome, se houve com os colonos da Europa como se fossem negros de África, para dizermos, que hoje se está fazendo comércio de escravatura branca. Tal não diremos por certo. Dado o modo, tão mal calculado, de promover a emigração, achamos justo que homens que nenhum outro meio tem de pagar o sustento e o transporte que lhes deram, o paguem por seu trabalho, e a isso sejam compelidos, uma vez que não se façam injustiças, e violências: uma vez que a ambição sórdida não venha manchar um acto, que em si é justo e honesto.

Mas sem nos embarçarmos com os males nascidos do carácter individual das pessoas de quem tratamos; considerando a emigração para o Brasil como uma coisa que pode produzir vantagens para os que a tentarem, e para aquele país, resta-nos fazer algumas reflexões sobre este objecto, em relação à emigração portuguesa, que, força é confessá-lo, nestes últimos anos tem sido espantosa.

Nós temos a infelicidade de não crer muito na filantropia da época actual: o género humano está encanecido, e há muitos séculos que não é renovado por um destes acontecimentos que afundem as sociedades, e que as criam como de novo. A filantropia é um sentimento generoso, mas é um sentimento: pode havê-lo num ou noutro coração aquecido pelos sonhos da mocidade; porém os povos já não têm estes sonhos: porque estão velhos e ensinados da experiência do passado. A filantropia dá-se em indivíduos, não nas multidões; e muito numerosas são as associações colonizadoras do Brasil, para cremos que sejam movidas só por princípios de humanidade. É óbvio o interesse que o Brasil tira da colonização, e nós já o apontámos: nem nos queixaremos de que os brasileiros promovam os seus interesses, o que não queremos é deixar-nos embair acerca dos motivos de tais processos.

Isto suposto, segue-se ver qual é o país que pode prestar ao Brasil mais útil alimento à sua colonização. Sem dúvida que é Portugal. De todos os climas da Europa, o do nosso país é o

que tem mais semelhança com o da América meridional: assim os indivíduos transportados de Portugal para o Brasil, serão sempre aqueles que menos sofrerão com tal mudança, e que melhor conservarão a saúde, e robustez necessárias a um colono. Também com a estatística moral da Europa seria fácil provar que o nosso povo é o menos dado à embriaguez, e a história da colonização brasileira nos diz, quanto se deve atender a esta circunstância. Acresce a isto a semelhança dos hábitos, dos costumes, da crença, e até das preocupações de dois povos, que ainda há tão poucos anos não formavam senão um só. A identidade da sua linguagem é também de extrema conveniência em tal caso. Por todos estes motivos os portugueses podem estar seguros de que os brasileiros os procurarão com preferência para povoar o seu país. Posto o que, é claro, que os nossos compatriotas que pretenderem estabelecer-se no Brasil, sempre o poderão fazer com condições vantajosas, não tendo necessidade de se entregarem, sem contrato, sem segurança, sem certeza do seu futuro, nos braços de uma nação estranha. Saibam os portugueses sustentar os seus próprios interesses, como os brasileiros sabem sustentar os seus.

Temos até aqui considerado a emigração para a América em relação ao Brasil, e aos indivíduos a quem a necessidade, ou a ambição leva a praticar este acto. Considerá-lo-emos agora em relação a Portugal, e aos motivos que a ele podem induzir os indivíduos.

Está demonstrado, que o nosso país pode sustentar sete milhões de habitantes, e apenas contém três milhões incompletos: entretanto a emigração portuguesa para o Brasil parece indicar, que a população é superabundante. As causas disto têm sido mil vezes ditas: as grandes povoações estão atulhadas, enquanto os campos estão desertos; e isto acontece porque a agricultura não oferece vantagens, não sendo possível transportar aos grandes mercados os produtos do solo. Se o Governo tratar de abrir comunicações para o interior do país, seja por estradas, seja por via de canais, poderá usar de meios repressivos, ao menos indirectamente, para obviar à despovoação do Reino. Feito isto é preciso mostrar aos homens laboriosos, que mais vale cultivar os imensos baldios que cobrem Portugal, do que ir rasgar o seio da terra estrangeira, e que mais de estimar é o ter necessário o necessário na própria pátria do que o supérfluo no desterro. Porém, antes de se empregarem os meios verdadeiros de embaraçar a emigração, que montam providências vãs, que monta exagerar os males que sofrem os colonos? Que resultado se tira de dizer a homens que só vêm na pátria um prospecto de miséria, “vós arriscais-vos a ser miseráveis na vossa emigração”? Ao menos, dirão eles, essa desventura é incerta, e podemos lá ser felizes, quando aqui temos quase a certeza de nunca o ser. Uma ferida nas entranhas não se cura só com aplicações externas. Seria preciso arrancar a raiz do mal, e o que o alcançasse mereceria a bênção, e a recordação ainda dos nossos últimos netos.

(Diário do Governo n.º 12, de 13 de Janeiro de 1838)